

# NANDA

*Em 2012, comecei a ter contato com o universo e as questões LGBTQIA+, me descobrindo bissexual/pansexual e começando a me interessar por atividades do gênero em Belo Horizonte. A partir daí me tornei militante pela causa, mais especificamente das pessoas bissexuais, e desde então participo de diversas atividades como congressos, seminários, mesas, rodas de conversa e afins, com coletivos e grupos, ou de forma independente. Em algumas das atividades que participo, me encarrego de abordar a perspectiva das mulheres bissexuais e, também, relatar minha experiência. Durante a minha graduação, me interessei pela questão da bissexualidade por uma perspectiva acadêmica e comecei a pesquisar o tema, que levei para o mestrado em 2018. Assim, tenho a trajetória mais antiga com a militância e a trajetória iniciante com a pesquisa.*

*Nanda Rossi<sup>(\*)</sup>*

**(\*)Nanda Rossi é mestranda em Comunicação Social pela PUC Minas e tem seus estudos voltados à bissexualidade em articulação a temas como o apagamento, a representação midiática e a luta por reconhecimento.**

# BISSEXUALIDADE, RECONHECIMENTO E FEMINISMO

Nanda Rossi

***Boletim ODC: Nanda, você tem pesquisado a respeito da representação de personagens não-heterossexuais, especialmente bissexuais, em obras literárias e produções audiovisuais. Dada a relação de mútua constituição entre o político e o estético, seria possível identificar elementos que desenhem fronteiras entre representações libertárias, que contribuem para o reconhecimento dessa população, e aquelas que reforçam o olhar que a estigmatiza, rechaça ou mesmo patologiza?***

**Nanda Rossi:** O debate da representação é delicado porque costumamos pensar que a ficção consegue e deve dar conta de toda a complexidade da realidade, o que não é verdadeiro. Uma representação, em caráter ficcional, pode e deve tratar da realidade, visto que é um relacionamento antigo e constitutivo, mas nós, como público, não devemos aguardar o dia em que uma representação perfeita e completa chegará. O que quero dizer com isso é que não está nas mãos da representação resolver todos os problemas ou explicar eficientemente toda a completude de uma experiência bissexual, mas que valem seus passos e tentativas, valem seus acertos. E vale, sobretudo, a prática constante da crítica dessas representações, mais próximas ou mais distantes de alguma experiência bissexual, mais agressivas e vexatórias ou mais respeitosas e auxiliadoras. E digo “alguma experiência bissexual” justamente por reconhecer, tanto os limites da representação, quanto a diversidade da experiência bissexual.

Fazer a crítica das representações, com a necessária vontade de sua evolução, mas ser também ciente de que sua perfeição é inalcançável, é uma prática de respeito à bissexualidade como um todo. Agora, após essa reflexão, posso dizer que algumas práticas são mais comuns em algumas representações que em outras. Dois exemplos podem ser o uso de estereótipos e a narrativa do apagamento. Representações que parecem

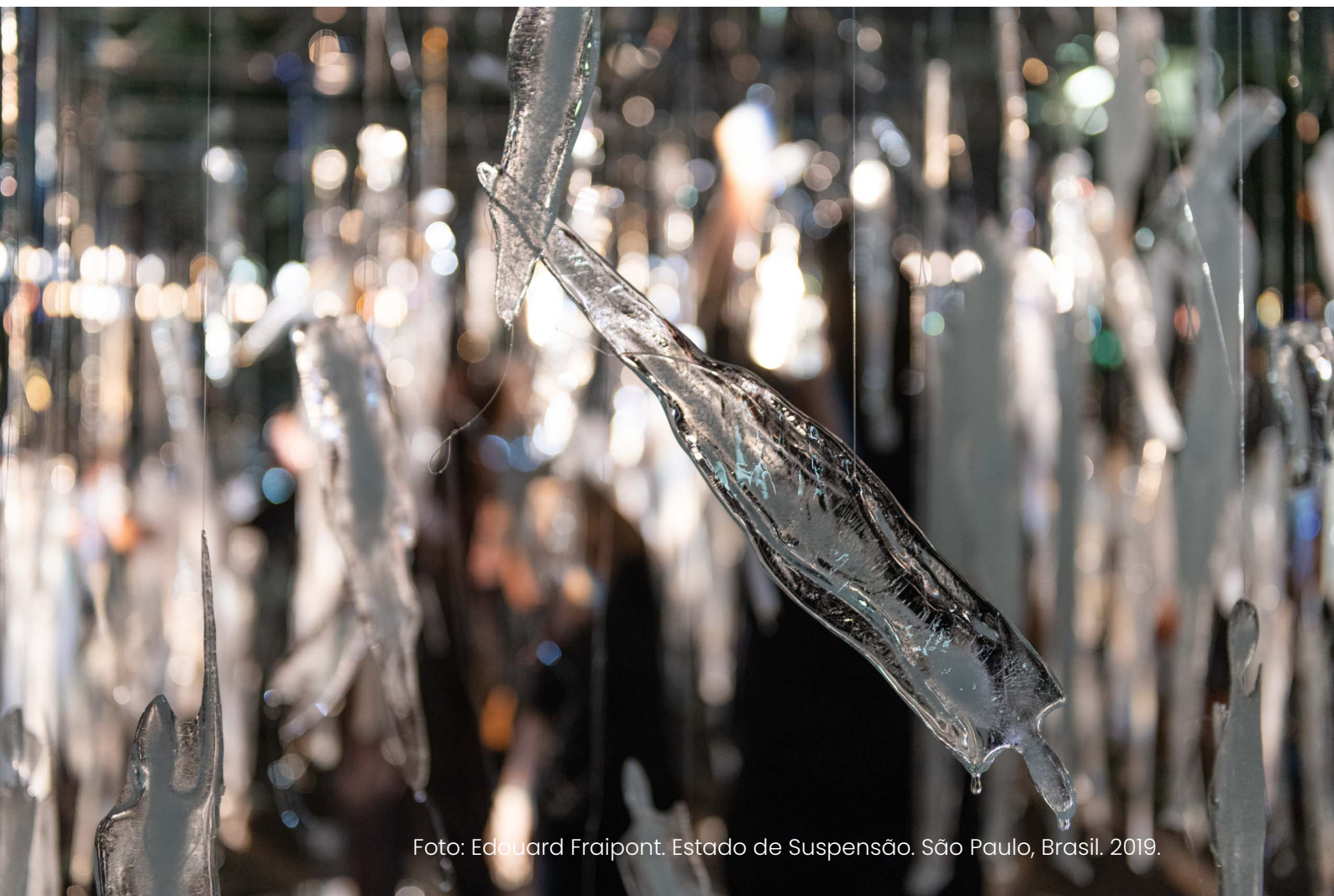
não se preocupar com uma visão respeitosa da bissexualidade costumam abusar de estereótipos de forma acrítica em suas narrativas, reduzindo a um extremo personagens e tramas que poderiam ser tratadas com maior complexidade – mesmo que não seja a mesma da realidade. Outra prática comum é o apagamento na narrativa, em que não se retrata ou se ignora a bissexualidade que parecia óbvia em algum momento da trama ou que até mesmo foi trabalhada, declarada e por fim apagada, esquecida e abandonada. Em algumas narrativas percebo a bissexualidade, quando (e se) presente, como um artifício de captação de interesse que não necessariamente merece o respeito de sua evolução, de sua conclusão, de sua amarração e, muitas vezes, acaba sendo deixada em uma frase de uma cena de humor, em uma fase de uma personagem que precisava de acontecimentos interessantes ou, até mesmo, debochada do início ao fim de algumas obras. Boas estratégias de representação podem, por exemplo, assumir e elevar a narrativa da bissexualidade a uma centralidade e importância, de forma respeitosa. Podem usar os estereótipos de forma subversiva, os zombando, criticando ou até os assumindo, podendo colocar um tom positivo em comportamentos vistos como repugnantes. Podem, enfim, assumir sua imperfeição, trazer em suas formas e conteúdos uma honestidade de suas limitações em tratar daquela população. E nós, ao mesmo tempo, também podemos assumir uma postura exigente, crítica e politizada diante das representações, ao mesmo tempo que entendemos e aceitamos que elas fazem um trabalho importante ao retratar aquilo com o qual, muitas vezes, não temos contato e, ao formar o nosso cotidiano, mesmo que não o represente perfeitamente.

***No campo da produção de conhecimento sobre a bissexualidade há quem argumente que uma das especificidades do preconceito enfrentado por pessoas bissexuais diz respeito ao apagamento identitário. Também alvo de violências físicas e simbólicas, outras identidades sexuais dissidentes, como gays e lésbicas, são reconhecidas mesmo que o intuito seja invisibilizá-las. Uma das facetas da bifobia seria, então, a desqualificação da subjetividade bissexual, uma vez que essa seria uma orientação inexistente ou, no máximo, transitória. Gostaríamos de saber sua opinião acerca desse debate. Há elementos de interseção entre***

***estas pautas e as feministas? Quais os tensionamentos e convergências entre a luta LGBTQIA+ e a bissexual?***

As orientações monodissidentes como a bissexualidade são orientações que possuem um caráter não-binário, ou seja, que aparecem como elemento estranho em um sistema de gênero e sexualidade construído em binários opostos como homem versus mulher e heterossexual versus homossexual, em que um eixo dominante oprime o outro eixo. A opressão que sofre, portanto, se dá tanto por sua inadequação à heterossexualidade quanto e, ao mesmo tempo, por ser um elemento estranho, surpresa, inesperado e que bagunça esse sistema estabelecido e organizado de forma dicotômica. Se acreditamos que uma visão binária e cisgênera de gênero e sexualidade é correta e faz sentido para explicar a experiência humana, por consequência acreditamos ser difícil ou impossível a existência da bissexualidade e de outras formas de gênero e sexualidade que não pertencem a um eixo ou outro.

É importante afirmar, como apontado na pergunta, que ser reconhecido como um dos elementos na dinâmica binária de gênero e



sexualidade não quer dizer estar bem, ter garantidos os seus direitos e ser equivalente aos que te oprimem, de forma alguma a intenção passa por aqui. O ponto, se tratando de uma conversa sobre bissexualidades, é perceber que as tentativas constantes de seu apagamento e demais discriminações se originam a partir de uma concepção que ela não pode ou não deveria existir por não fazer sentido em um sistema organizado dessa forma. Em alguns espaços de militância que conheço, participo ou já participei, vejo como pautas em destaque a discussão de temas como sofrimento ou experiência comuns, a afirmação da identidade, a negação dos estereótipos e o combate ao preconceito e à opressão em geral. Acredito que podemos debater alguns temas com mais profundidade e postura crítica, como o combate aos estereótipos, por exemplo, que podem criar, mesmo sem intenção, uma divisão entre “bons bissexuais” (aqueles que não se aproximam das práticas apontadas pelos estereótipos) e “maus bissexuais” (aqueles que coincidem com as práticas apontadas pelos estereótipos e “atrapalham” o seu combate).

Hoje também percebo a necessidade de expandir nossas discussões para além da afirmação da identidade. Acredito em um movimento bissexual forte em si mesmo, mas também consciente e combativo com as estruturas que constituem uma forma de vida em sociedade que nos oprime. Ou seja, acredito que a crítica ao capitalismo, ao sistema binário de gênero e sexualidade, à heteronormatividade, ao cissexismo, ao racismo e outras conformações devem ser sempre lembradas e devem pautar uma luta bissexual, que deve conseguir abordar esses assuntos a partir da bissexualidade e que, não por isso, deixa de se voltar para dentro, falar bastante de si, aliviar os sofrimentos e combater sua discriminação. São posturas complementares e não opostas ou excludentes. Nesse sentido, encontro diversos elementos em comum entre a luta LGBTQIA+ em geral e a luta feminista, além, é claro, das interseções presentes em algumas vivências bissexuais, como a de uma mulher bissexual, por exemplo. Ao mesmo tempo, enxergo e vivencio os tensionamentos entre essas lutas que, da perspectiva da bissexualidade e em sua defesa, acabam por estigmatizar, excluir e expulsar esses integrantes monodissidentes.



***O exercício das liberdades sexuais é uma das pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA+, ainda que conformada por diferentes matizes. Entretanto, as mulheres bissexuais são recorrentemente expostas a um olhar que as objetifica e fetichiza, resultante de da construção de um imaginário da bissexual “promíscua” e “hipersexualizada” predisposta a realizar os desejos do homem cisgênero heterossexual. A relação entre esse construto e a erotização da bissexualidade é acionada com frequência nas reflexões contra o assédio e a violência sexual aos quais as bissexuais estão expostas. Diante desse contexto, você considera possível à mulher bissexual viver sua sexualidade livremente e não coadjuvar o lugar da “mulher objeto”? Você acredita que o exercício da reflexão e expressão das liberdades sexuais, em confronto com o patriarcado, pode contribuir com a construção de saberes feministas?***

Acredito que a busca por uma liberdade sexual plena das mulheres bissexuais não deva ser interrompida ou recuada por medo da estigmatização de seus próprios corpos e comportamentos, mas compreendo que é algo que ocorre frequentemente e enxergo esse movimento como injusto. As pessoas bissexuais ou monodissidentes, em geral, são acusadas com frequência de serem culpadas pelo seu próprio sofrimento e discriminação. São acusadas de terem escolhido a bissexualidade e, como consequência ou punição, estão cientes que vão sofrer e não deveriam reclamar. Não é algo que vejo como novo e não é algo que vejo como certo, mas, ciente disso tudo, entendo os motivos pelos quais uma mulher bissexual se privaria de sua liberdade sexual, totalmente ou em partes, por medo de ser responsabilizada pela fetichização da qual ela própria e seu grupo sofrem. Se a expressão da liberdade sexual de uma mulher bissexual pode ser vista como um ato de “coadjuvar o lugar da mulher objeto”, penso que provavelmente qualquer resposta de quem se encontra nessa cruel armadilha é legítima.

Em suas diferentes dinâmicas, a sexualidade das mulheres, *cis* ou *trans*, das pessoas trans em geral, das pessoas negras e demais grupos é vista como propriedade a serviço de outros grupos. Inclusive, há diversas pessoas bissexuais que também compõem outros grupos fetichizados, como os que citei aqui, por exemplo. Até que ponto ou em que momentos

da luta feminista, como questionado, ou também da luta LGBTQIA+, a discussão do exercício da sexualidade livre é uma tentativa honesta de debate da nossa responsabilidade ou estratégia na forma que tratamos a questão da sexualidade em nossas lutas ou até que ponto e em que momentos ela é, por sua vez, um julgamento moral e uma dificuldade entranhada de discutir esses temas de forma aberta e honesta? Enxergo os dois momentos na minha experiência como mulher bissexual, nos espaços que frequentei e frequento, mas posso dizer que o julgamento moral disfarçado de debate político honesto é o que mais encontrei e encontro em cima dos corpos e comportamentos das mulheres bissexuais. O interesse pela nossa sexualidade poucas vezes é um interesse em sua libertação ou na denúncia de sua fetichização e, muitas vezes, é uma curiosidade fetichizadora ou acusatória, com o intuito de desacreditar toda e qualquer denúncia com base na vida sexual de quem fala ou se expõe.

***Nos últimos anos a extrema direita tem ampliado seus terrenos no cenário político brasileiro e, com isso, empreendido políticas e construído normativas contrárias à afirmação das liberdades e dos direitos cidadãos. Nesse cenário de embate legal, político e simbólico, quais desdobramentos você identifica no campo das articulações de movimentos e instituições que têm como propósito a afirmação dos direitos da população LGBTQIA+, especialmente das mulheres bissexuais? No horizonte de possibilidades, que estratégias ou pautas você acredita que devam ser prioritárias frente à disputa discursiva e às ameaças postas por esse governo?***

Vejo que chegamos em uma situação em que o debate sobre essas questões recuou para um nível baixo, ignorante e triste, em que absurdos protagonizam o discurso político e simbólico. Lamento ainda mais por todas as minorias oprimidas, atacadas e vulneráveis nesse momento. Na minha percepção, enxergo movimentos e instituições que têm como propósito a afirmação dos direitos da população LGBTQIA+ como situados em um momento difícil em que muitos acabam cedendo às armadilhas e estratégias de uma racionalidade e políticas neoliberais

que, por sua vez, se interessam em cooptar movimentos, reduzi-los a uma visão mercadológica e empresarial e enfraquecer seu potencial político, nos entregando supostas conquistas a um grande preço. Vejo como necessidade uma postura declarada e primeiramente anticapitalista, antirracista e feminista em movimentos LGBTQIA+ e, especificamente para as mulheres bissexuais, um fortalecimento e parceria com outras pessoas bissexuais e com outras mulheres, ainda que seja de grande dificuldade a construção dessa solidariedade e parcerias políticas. Desejo também que possamos compreender que nossa libertação não se conquista unicamente com a solução dos problemas de representação e representatividade, que possamos colaborar em união a demais minorias e que mantenhamos, antes de qualquer coisa, o espírito, a postura e a prática revolucionárias, em honra ao que a bissexualidade representa.

***Para finalizar nossa entrevista, você gostaria de discorrer sobre algum tema ou pauta sobre a qual não perguntamos?***

Um assunto que abordo recorrentemente e que se fez ainda mais presente em meus pensamentos nos momentos de isolamento social, devido à pandemia do Covid-19, é a saúde mental das pessoas bissexuais. Ambos prejudicados pela invisibilidade, doença mental e bissexualidade são colegas frequentes e eu gostaria de defender a importância da discussão sobre a saúde mental das pessoas bissexuais. O sofrimento mental, muitas vezes menosprezado, é parte relevante e triste da experiência bissexual, também menosprezada em si mesma e nesse aspecto. Desejo atenção, respeito e solidariedade às pessoas bissexuais em todos os aspectos de sua orientação, mas também neste, e desejo saúde para poder viver e lutar. No mais, agradeço a oportunidade dessa entrevista. Me sinto honrada e feliz cada vez que posso falar desse assunto.

---